



## MALLEUS

### MALEFICARUM:

#### UMA ANÁLISE DO DOCUMENTO CRISTÃO UTILIZADO NO JULGAMENTO DE INÚMERAS MULHERES CONDENADAS POR BRUXARIA NO SÉCULO XV

Andréia Sznicer<sup>1</sup>

#### RESUMO

Um assunto que chama a atenção das pessoas, a caça as bruxas, o mistério sobre essas mulheres que causavam tanto medo a população. Voltado a esse assunto encontramos um documento que serviu como um manual Inquisitorial, tanto para os inquisidores, quanto para a população da época, o Malleus Maleficarum, um manual que aborda sobre essa caça as bruxas. Entrelaçado com as mudanças no modo com que se concebia a magia, a feitiçaria e a bruxaria, no século XV na Europa, assim também como se dava essa concepção de magas, curandeiras, benzedoras e adivinhas, estas que acompanharam a evolução das sociedades europeias. Um discurso severo contra a prática da bruxaria, neste sentido, atribui-se à mulher o lugar da perversidade e da utilização da bruxaria, esta como um instrumento de luta do diabo contra a cristandade, em uma tentativa de frustrar a fé e a salvação humana.

<sup>1</sup> Acadêmica em História pela Universidade Estadual do Paraná UNESPAR - Campus de União da Vitória. E-mail: andreiaunespar@gmail.com

**Palavras chaves:** bruxaria, Europa, princípios Cristãos, Malleus.

#### RESUMEN

Un tema que llama la atención de la gente, la caza de brujas, el misterio de estas mujeres que causaron tanto miedo a la población. Volver a este tema nos encontramos con un documento que sirve como un manual inquisitorial tanto a los inquisidores, y para la población de las veces, el Malleus Maleficarum, un manual que cubre acerca de esta caza de brujas. Entrelazados con los cambios en la forma en que se concibe la magia, la hechicería y la brujería en el siglo XV en Europa, así que cómo fue esta concepción de magos, curanderos, charlatanes y adivinanzas, estos que acompañan la evolución de las sociedades europeas. Un discurso severo contra la práctica de la brujería en este sentido se atribuye a las mujeres el lugar de la maldad y el uso de la brujería, esto como una herramienta de lucha contra el cristianismo diablo, en un intento de frustrar la fe y la salvación humana .

**Palabras clave:** brujería, Europa, los principios cristianos, Malleus.

#### O manual inquisitorial

Malleus Maleficarum (Martelo das feiticeiras), escrito pelos inquisidores Heinrich Kramer e James Spenger, é uma enciclopédia e um manual jurídico criado com o intuito de provar que as bruxas eram reais, assim como eram capazes de causar males a população, desta forma o Manual, discorre sobre uma possível punição a esses hereges ou ate mesmo a sua morte.

Na concepção das pessoas desse período, de acordo com o que os inquisidores apresentam no Malleus (KRAMER; SPRENGER, 2010),

podemos perceber que a bruxaria estaria envolvida com o sobrenatural. Mesmo que não se tivesse como comprovar cientificamente a existência de seus poderes, a construção de sua imagem pôde modificar a visão da sociedade sobre os sujeitos.

Nessa época, século XV, as pessoas temiam as bruxas e neste imaginário elas causavam tanto o medo psicológico, quanto o físico, pois acreditavam que eram elas as responsáveis pelos males causados as pessoas e seus bens. Assim como elas podiam fazer coisas boas para os camponeses que as buscavam, também poderiam ser consideradas responsáveis por vários danos naturais da época.

Com esse pensamento, atribuía-se as “bruxas” a responsabilidade sobre os seguintes males: o granizo sobre as vinhas, cereais enferrujados e derrubados, impossibilidade de um casal ter filhos, acreditando-se ainda que com sua magia poderiam fazer com que os animais ou até uma criança ficassem adoentados. Eram inúmeros os danos causados pelas bruxas, na visão do mundo daquela época, estes podiam servir como base a uma denúncia para a Inquisição. Tudo que podia tornar-se um sinal de uma intervenção satânica para quem vivia neste temor cotidiano era motivo de

denúncias (KRAMER; SPRENGER, 2010, p. 50).

O *Malleus* se tornou um documento que espalhou o ódio a esses considerados hereges por fazerem o uso da bruxaria. A mentalidade da sociedade da época em que esses homens se encontravam ajuda na compreensão dessas perseguições, assim como no entendimento do imaginário da época em questão. Como nesta época não se podia ter a explicação para todos os fenômenos naturais que aconteciam, as pessoas davam importância a ideias que eram difundidas no âmbito da cultura popular. A exemplo, temos o caso de um acontecimento catastrófico desse período, a chuva de granizo, que por prejudicar as plantações fora considerado como uma obra de bruxaria, sendo este então um mal que devia ser combatido com a morte dessas mulheres que, nesta acepção causavam esses males.

A explicação para qualquer fenômeno negativo estava voltado a um olhar para essas mulheres acusadas de bruxas, alegando que tinham um pacto com o diabo, coisa inaceitável na época. Sendo então essa ideia de “caça” a essas supostas “bruxas” espalhadas com a ajuda do *Malleus*.

O uso feito dos documentos utilizados não tem a finalidade de explicar essas supostas bruxas, mas entender como se dava o imaginário sobre essas mulheres acusadas de bruxaria, assim como, quais eram os interesses que esses cristãos tinham sobre a bruxaria, e o medo que causavam na população em geral da Europa no século XV.

### **A análise do documento**

A compreensão do Malleus e as ideias que foram difundidas a partir dele, dizem respeito a certo período e o seu entendimento deve se dar a partir dos pensamentos da época, os ideais que eram priorizados, além de suas crenças, ou seja, percebendo até que ponto isso era crucial e como interferia na vida dessas pessoas.

Outro conceito essencial para o entendimento desta época é o de “mentalidades”. Segundo (BURKE, 1990, p. 132), para entender o pensamento e atitudes de uma sociedade, os historiadores não apenas devem entender as ideias dos pensadores de uma determinada época, mas da sociedade como um todo, com seus valores e atitudes. Desta forma este conceito pode ser entendido como um “sistema de crenças” (BURKE, 1990,

p.132), servindo para entender as ideias não apenas do senso individual, mas, coletivo.

Ao fazer a análise de tal documento, deve-se se ter o cuidado com os conceitos que vão ser utilizados, não sendo tomados portanto pelo pré-julgamento enraizado em conceitos da nossa época, que muitas vezes não se encaixam com o pensamento e as ideologias da época em questão, como percebemos na escrita de Baigent e Leigh:

Não podemos ter a presunção de emitir julgamento sobre o passado segundo critérios do que é politicamente correto em nosso tempo. Se tentarmos fazer isso descobriremos que todo o passado é culpado. Então ficaremos apenas com o presente como base para nossas hierarquias de valor; e quaisquer que sejam os valores que como poucos de nos serão tolos o bastante para louvar o presente como algum tipo de ideal ultimo (BAIGENT e LEIGH, 2001, P. 16).

O anacronismo que muitos historiadores cometem na análise de seus temas surge quando se projetam categorias de pensamento a partir da sociedade e dos conceitos de sua época. Sendo essa uma forma equivocada, em que se tenta avaliar um determinado tempo histórico à luz de valores que não pertencem a esse mesmo tempo.

Emitir determinados valores de nossa época sobre o documento

inquisitorial *Malleus Maleficarum*, que teve tamanha importância para os inquisidores, assim como para as pessoas desse período, seria considerado um erro. Atualmente essa visão que tinham sobre a mulher seria considerada parte de uma cultura machista, já que no próprio documento percebe-se que o papel da mulher não era visto como elevado, mas o contexto em que elas viviam que determinou esse pensamento. O conceito que se tinha sobre a mulher era diferenciado do que temos hoje ou do que se tem lutado para defender, pensando a igualdade de direitos.

*“O documento é produzido consciente ou inconscientemente pelas sociedades do passado tanto para impor uma imagem desse passado como para dizer a ‘verdade’.”* (LE GOFF, 2011, P.168). Desta forma compreendemos que os documentos produzidos em uma dada época têm a sua produção pautada em algum fim, algum interesse ou propósito, sendo este produzido de forma voluntária ou não, assim como tem aqueles que muitas vezes são manipulados. Mas é importante ressaltar que o documento produzido em sua época não vai fugir dos pensamentos e ideais que eram seguidos em seu período, com raras exceções.

O *Malleus* partiu do princípio de que sua utilização enquanto Manual de jurisprudência podia facilitar, legitimar e reafirmar os princípios da Inquisição.

### **A mulher neste contexto**

A mulher neste período não tinha uma posição social de igualdade frente aos homens. O ideal de mulher estava atribuído à virgindade a pureza, a submissão à maternidade. O poder dos clérigos e dos príncipes é um poder voltado ao sexo masculino, misóginos porque convencidos da impureza e da inferioridade da mulher, e até mesmo de sua “ruindade” (PERROT, 2007, p. 88).

O desprezo que os homens tinham pelas mulheres nesta época encontrava-se expresso nos próprios termos designativos dos dois sexos, de acordo com o livro “A Feiticeira” de Michelet (2003), a palavra Latina empregada para nomear o sexo masculino *vir*, lembrava *virtus*, ou seja retidão, já *mulier* que seria o qualificativo do sexo feminino, lembrava *mollitia*, ou seja moleza, que tinha relação com, fraqueza, flexibilidade (MACEDO, 2002, p. 28). Esses homens, independente de sua posição social, como pais ou marido, reservavam-se direito de castigar a mulher como se castigava-se uma criança ou mesmo a um escravo.

A própria mulher neste período, pelo contexto histórico em que se encontrava, acabava por partilhar em alguns casos o odioso preconceito sobre si e considerava-se imunda, como o autor (MICHELET, 2003, P. 103) em seu livro “A Feiticeira”, deixa bem clara essa posição da mulher, sendo que em sua leitura, a “(...)quase pedia perdão por existir, viver, realizar as condições de vida”. A medicina da Idade Média ocupava-se unicamente do ser considerado superior e puro, o homem, o único que podia se tornar padre e também que sozinho representava Deus (MICHELET, 2003, p. 103).

A imagem da mulher construída a partir do Malleus a considerava fraca de mente e de corpo, retomando desta forma a crença religiosa de sua criação, onde teria havido uma suposta falha na criação da primeira mulher, por ela ter sido feita a partir de uma costela recurva, que fora retirada do primeiro homem. Sendo assim, a sua formação estaria voltada a uma falha e a mulher seria por isso considerada um animal imperfeito, que sempre decepciona e mente, e que por conta disso se entregavam mais facilmente a bruxaria.

Esse documento inquisitorial, o Malleus Malificarum, contribuiu para uma construção negativa da imagem da mulher, pois suas páginas seguem

convencendo o leitor de que, a figura feminina era inferior. Tendo relação com esse assunto, e também como uma forma de convencimento de que a mulher era considerada como um mal, os autores do Malleus apresentam uma série de fatos históricos, destes voltados à queda de alguns impérios, que de acordo com o documento, foram derrubados por mulheres, cita exemplos como Tróia, que pelo rapto de uma mulher, fora destruída e também gerou a morte de milhares de gregos, da mesma forma cita outros reinos que foram destruídos pela presença de mulheres, como, o reino dos judeus, império romano entre outras. Tendo desta forma, alguns exemplos ao leitor sobre a visão negativa que se tinha sobre a mulher.

Consideradas inferiores, possuíam também uma memória fraca nesta, considerando a sua indisciplina um vício natural, mais amarga que a morte, um inimigo secreto e enganador. Essa concepção de um ser enganador fica evidente em trechos do manual do Heinrich Kramer e James Sprenger:

Mentirosas por natureza, o seu discurso a um só tempo nos aguilhoa e nos deleita. Pelo que sua voz é como o canto das Sereias, que com a sua doce melodia seduzem os que se lhes aproximam e os matam. E os matam esvaziando as suas bolsas, consumindo as suas forças e fazendo-os renunciarem a Deus.

(KRAMER;SPRENGER, 2010, p. 120).

Desta forma, a mulher era considerada pelos autores perigosa e comparada a uma armadilha, mas não sobre o conceito das armadilhas dos caçadores, mas sim a dos demônios. Sendo os homens atraídos pelo desejo carnal que sentiam quando avistavam uma mulher.

As sociedades europeias seguiam com constantes mudanças, as quais adentravam também o modo com que concebiam a magia, a feitiçaria e a bruxaria, assim também as magas, curandeiras, benzedeadas e adivinhas, que fizeram parte dessa mudança durante mil anos, o único médico do povo foi à feitiçaria (MICHELET, 2003, p. 13).

Mas a Igreja Católica não concordava com a ideia de que a mulher pudesse curar com suas ervas medicinais, e seguiu então declarando, no século XIV, que se a mulher ousasse praticar a cura, sem ter estudado para tanto, seria considerada feitiçaria e teria como punição a sua morte. Desta forma a feitiçaria arriscava muito, pois ninguém pensava que aplicados exteriormente, ou tomados em dose muito pequena, os venenos podiam ser utilizados como remédios, assim também como algumas ervas. Michelet

cita que : “*É certo que a planta assusta. Trata-se do meimendo, veneno cruel e perigoso, mas poderoso emoliente, suave cataplasma sedativo que resolve, distende e resolve a dor e muitas vezes cura*” (MICHELET, 2003, p. 100).

Dentre as acusadas de bruxaria, se encontravam também as parteiras, pois nesse tempo a mulher nunca teria admitido um médico homem (MICHELET, 2003, p. 97-98). Essas supostas bruxas observava as pessoas que as procuravam sozinhas e foram sobre tudo, para a mulher, o único médico.

### **A mulher como bruxa**

Com a ajuda do Malleus inicia-se uma captura a essas supostas “bruxas”, que do contrário das feitiçarias, agiam em grupo. Esse documento ajuda nessa concepção de bruxaria, assim como também serve como um manual para que as mesmas pudessem ser identificadas e executadas, pois em suas páginas ficava bem claro dos perigos que uma bruxa podia acarretar e que por isso as mesmas deveriam ser mortas. Para a melhor compreensão dessa crença em bruxas, o autor Straus em seu livro “Antropologia Estrutural”, deixa claro essa crença na magia que se aplicava na época dessa perseguição da Inquisição as bruxas:

Não há, pois, razão de duvidar da eficácia de certas práticas mágicas. Mas, vê-se ao mesmo tempo, que a eficácia da magia implica na crença da magia e que esta apresenta sob três aspectos complementares: existe, inicialmente, a crença de feiticeiro na eficácia de suas técnicas, em seguida a crença do doente que ele cura, ou da vítima que ele persegue, no poder do próprio feiticeiro; finalmente a confiança e exigências da opinião coletiva, que formam, a cada instante uma espécie de campo de gravitação no seio do qual se definem e se situam as relações entre o feiticeiro e aqueles que enfeitiça (STRAUSS, 1967, p. 194 a 195).

A bruxaria era considerada como uma heresia, que se difere de todas as demais, pois de acordo com o Malleus, para se tornar uma bruxa, a mulher tinha que renunciar a sua fé assim como também fazer um pacto com o Diabo, que era perfeitamente definido e explícito, que ultrajaria o criador, e que tinha por meta profaná-lo (KRAMER;SPRENGER, 2010, p. 74). Para atender a tal ato eram necessários quatro principais elementos. Em primeiro lugar, era necessário, renunciar a fé Católica, ou mesmo negar de qualquer forma certos dogmas da fé; em segundo lugar, é era preciso dedicar-se de corpo e alma á prática do mal; em terceiro lugar, seria necessária a oferta de crianças que não tivessem o batismo a Satã; e por último era necessário entregar-se a toda sorte de atos carnisais com Íncubos e Súcubos, em que Íncubo

é um demônio com a forma masculina que era muito comum na era medieval, sua contraparte feminina se chama Súcubo e também a toda sorte de prazeres obscenos (KRAMER; SPRENGER, 2010, p. 85). A entrega da mulher a bruxaria estava ligada a sua fraqueza, por serem elas fracas de mente e de corpo na concepção difundida pelo Malleus.

Assim como as parteiras, existiam muitas outras mulheres consideradas bruxas, que eram consideradas responsáveis por outras coisas que aconteciam na vida das pessoas nesta época. Era comum serem acusadas pela infertilidade de um casal, que após algum tempo de seu matrimônio, não conseguissem ter filhos. Essa impotência era explicada pelos poderes do diabo, sendo através de uma bruxa, ou mesmo pelo próprio diabo, como mostra o Malleus: “... *sem sombra de dúvidas, o fato é que a impotência pode ser determinada pelos poderes do diabo, seja através de uma bruxa por pacto com ele firmado, seja pelo próprio diabo sem a participação de qualquer bruxa...*” (KRAMER; SPRENGER, 2011 p. 54). Podia acontecer até mesmo de um homem dar falta de seu órgão sexual, pois muitos acreditavam que o órgão sexual masculino poderia sumir, e a explicação

que se dava, tinha um olhar para a bruxaria.

A maior parte das religiões do mundo era e é monoteísta, postulando desta forma um princípio divino que era bom e mau. Os Deuses eram manifestações desse princípio uno de modo que também eles eram moralmente ambivalentes (RUSSEL; ALEXANDER, 2008, p. 37).

As pessoas temiam o Diabo, pelos males que ele podia causar, assim como, também pela influência da religião, e este medo gerou o medo das feiticeiras, e o medo de ambos gerou a perseguição e o extermínio das bruxas. Como já visto, as bruxas neste período eram responsabilizadas por muitas catástrofes da época, como uma chuva de granizo que destruía as plantações, ou até mesmo um gado que viesse a adoecer. Para realizar tal façanha, essas ditas bruxas supostamente utilizavam algumas imagens, assim como também estranhos amuletos, como o Malleus explica:

Assim é que as bruxas usam certas imagens e outros estranhos amuletos, que costumam deixar debaixo das vergas das portas nas casas, ou nos prados onde se pastoreiam os rebanhos, ou mesmo onde se reúnem os homens, e assim lançam seu feitiço sobre a vítima, a qual, bem se sabe, acaba muitas vezes morrendo (KRAMER; SPRENGER, 2011, p.66).

Desta forma, de acordo com o documento, essas bruxas conseguiam atingir as suas vítimas, seja por algum objeto ou animal mais próximo, ou mesmo com a própria família. O sumiço, assim também como a morte de muitas crianças nessa época também eram explicados pelo fenômeno da bruxaria. São muitos os relatos no Malleus, que explicam esse fato. Os próprios inquisidores, autores desta obra, relatam que as pessoas os procuravam para conversar sobre “fenômenos estranhos” que estavam acontecendo em sua fazenda, ou em sua casa. Dentre estes relatos estava o de um homem que foi adverti-los pelo sumiço de seu filho, sendo que o mesmo, dando falta da criança no berço, foi a sua procura, E o encontrou em uma reunião de mulheres durante a noite, e que jurou ter visto, matarem a criança, para depois beberem o seu sangue e por fim o devorarem (KRAMER; SPRENGER, 2010, p. 201).

De acordo com o Malleus, as crianças eram mortas através dos malefícios e das palavras mágicas que eram ditas pelas bruxas em seus berços ou mesmo quando estavam dormindo com os seus pais. Algumas morriam asfixiadas pelo próprio peso ou mesmo por alguma causa natural, e após serem



enterradas, essas supostas bruxas as desenterravam sigilosamente e as cozinhavam em um caldeirão. O cozimento durava até toda a carne se desprender dos ossos da criança, e assim obter um caldo que era fácil de ser bebido (KRAMER; SPRENGER, 2010, p. 217). Segundo o que o Malleus explica, da matéria mais sólida desse cozimento utilizavam para fazer uma espécie de pomada, que utilizavam em seus ritos, em seus prazeres e também em seus voos. A pessoa que bebia deste líquido, adquiria imediatamente profundo conhecimento de sua seita, e também se transformaria em uma de suas líderes.

Deste modo as pessoas começam a temer as benzedeadas que os ajudavam com as suas ervas medicinais, assim também como as parteiras que auxiliavam as mulheres em seu parto e as curandeiras, pois estas passaram a ser vistas como bruxas, por conta de suas adivinhações, assim como pelas ervas medicinais que detinham tamanho conhecimento, e que podiam cura-las. As parteiras aparecem mais fortemente nesse desprezo, por conta da difusão de ideias que o Malleus apresenta, e que foram se espalhando na época, relacionada ao rapto de crianças, ou até mesmo a oferta de sua alma para o

diabo (KRAMER; SPRENGER, 2010, p.157).

Os ritos que essas bruxas supostamente seguiam, estavam sempre relacionados com união de mulheres (supostas bruxas), em que as mesmas faziam a adoração do demônio, e utilizavam os seus próprios filhos para realizar seus rituais:

Algumas feiticeiras cozinhavam e comiam os próprios filhos pequenos, seguindo um rito, descrito a seguir, para a iniciação de novas discípulas. Depois de reunidas, convocavam, mediante palavras mágicas, o demônio em forma de homem, a quem a noviça era obrigada, sob juramento, a negar a religião Cristã, e renegar a Eucaristia e a prometer pisotear na Cruz sempre que pudesse fazê-lo sem ser vista (KRAMER; SPRENGER, 2010, p. 217).

Outros males foram atribuídos às consideradas bruxas: o fato delas secarem o leite das vacas, pois nas noites mais sagradas, seguindo as instruções que o Diabo lhes passara, e também com o objetivo de ofender a Divina Majestade de Deus, a bruxa, sentada em um canto de sua casa, entre as pernas da mesma um balde, em que a bruxa finca uma faca, na parede, ou em uma estaca, e a ordenha com as mãos, sendo essa uma prática que utilizavam para secar o leite das vacas, assim como, a ofensa a Divina Majestade, realizando então tais atos nas noites sagradas. Após reunir os familiares,

que colaboram com ela, e em seguida dizia que desejava o leite em abundância. Repentinamente, o diabo retirava o leite do úbere da vaca, e fazia com que saísse da faca que a tal bruxa estaria a ordenhar (KRAMER; SPRENGER, 2010, p. 106).

Também lemos no manual um caso que teria acontecido no mesmo ano que os inquisidores Heinrich Kramer e James Sprenger começaram a escrever o *Malleus*. Uma mulher teria trocado insultos com uma suposta bruxa, e como sabia que a mesma praticava bruxaria, temendo que pudesse acontecer algo ao seu filho, utilizou da seguinte proteção:

colocou ervas consagradas sob o berço do menino, espargiu-lhe Água Benta, colocou Sal Consagrado em seus lábios e prendeu diligentemente o bercinho. Mais ou menos no meio da noite, ouviu o choro do seu filho, e como fazem as mulheres, resolveu trazer o filhinho para junto de seus braços(...) (KRAMER; SPRENGER, 2010, p. 201).

A mesma quando chegou perto do berço da criança para pega-lo em seus braços se deparou com uma triste cena, a criança não se encontrava no lugar que ela tinha deixado. Desesperada, a mulher de imediato acende uma vela no chão, e então encontra o seu filho de baixo de uma cadeira chorando.

Além de essas bruxas despertarem o medo nas pessoas, elas também, de acordo com o Manual, despertavam o ódio entre as pessoas, principalmente nas pessoas unidas pelo sacramento do matrimônio, em que deixavam os homens impossibilitados de consumarem o ato para a geração da prole.

O que os inquisidores autores do Manual temiam era o envolvimento de outras pessoas inocentes na bruxaria, tanto pelo aumento de membros na bruxaria, quanto àquelas que eram atingidas pelos males que essas supostas bruxas podiam causar. Muitos relatos que eles tinham, também eram de mulheres que se julgavam bruxas, e que por intermédio de alguma pessoa, seja ela parente mais próximo ou não, ela teria adentrado neste mundo da bruxaria. Vemos o exemplo de uma jovem, que em seus depoimentos aos inquisidores (KRAMER; SPRENGER, 2010, p. 216). Relatou ter se envolvido com a bruxaria por consequência de sua tia, que já tinha sido queimada na diocese, em seus relatos conta que a sua tia tinha ordenado que ela subisse no andar de cima de sua casa, e que ela entrasse no quarto onde se encontravam-se quinze jovens, todos com vestes verdes, como se fossem cavaleiros alemães. Antes de se dirigir a

tal quarto a bruxa, que era sua tia, lhe falou que podia escolher um daqueles quinze jovens que se encontravam no quarto, para que o mesmo a tomasse como esposa. E sendo a sua resposta negativa, a jovem foi severamente espancada e teve de consentir, e desta forma, explica como teve início na bruxaria (KRAMER; SPRENGER, 2010, p. 216).

Outro autor que também aborda esse assunto é Baigent e Leigh, em seu livro *A Inquisição* (2001). Em sua obra Baigent e Leigh, retratam sobre como era organizada uma inquisição, assim como demonstram as atitudes perniciosas que colocaram gradualmente a igreja contra as organizações, desta forma o seu capítulo *Cruzada contra a bruxaria* explica um pouco sobre essas acusadas de bruxaria, assim como, quais eram os males que essas bruxas podiam causar e porque as pessoas temiam as mesmas.

Essas bruxas eram responsáveis pela destruição, podiam ocasionar o sumiço de crianças, até a sua morte, causavam danos nas plantações, na vida pessoal das famílias, tudo o que acontecia de estranho e ruim era considerado ato de bruxaria: “Fome, seca, inundação, peste e outros fenômenos semelhantes da natureza não mais deviam ser atribuídos a causas naturais, mas a ação de poderes infernais (BAIGENT; LEIGH, 2001, p. 120).

Muitos dos mais cruéis excessos que aconteceram no passado foram causados por indivíduos que somente agiam com o que a sua época julgava serem as melhores e mais dignas intenções. Era isso que determinava e ocasionava alguns atos, mas também estavam presentes algumas manipulações, e interesses. Para a época, século XV, alguns acreditavam estar lutando contra o mal, assim como a igreja buscava seus interesses.

Junto a autores que o documento cita (KRAMER; SPRENGER, 2010, p. 117), e o próprio Malleus que ajudou nessa concepção de bruxaria e dos seus males, as pessoas passaram a odiar essas bruxas, como Michelet em seu livro “*A Feiticeira*”, explica: “*Não faltaram as injúrias. Chamaram às feiticeiras sujas, indecentes, impudicas, imorais*” (MICHELET, 2003, p. 102). Além de temerem, passavam a odiá-las, pois as mesmas, como o Malleus defendia, faziam adoração ao diabo, se entregavam de corpo e de alma para ele, e até negavam sua fé cristã.

Vale ressaltar que não eram todos que temiam as bruxas, pois muitos as procuravam no anseio de obter curas, assim como também para com o auxílio dessas bruxas praticarem o mal à pessoas que, de alguma forma estavam

atrapalhando a sua vida. Os pedidos a essas mulheres eram inúmeros:

A ela se pede a vida, a morte, remédios, veneno. Uma vem com a filha em lágrimas, pedir um aborto. Outra, a madrasta (texto comum na Idade Média), vem dizer que o filho do primeiro casamento come muito e vive muito tempo. Vem também a triste esposa, todos os anos sobrecarregada de filhos que só nascem para morrerem. Implora a sua compaixão, aprende a esfriar o prazer no momento a torna-lo infecundo. Eis, pelo contrário, um jovem que compraria por todo preço a bebida ardente que pudesse agitar o coração de uma grande dama (MICHELET, 2003, p.106).

Algumas dessas mulheres que foram acusadas de bruxas eram as curandeiras da época, que detinham certo conhecimento sobre as ervas medicinais que utilizavam para a cura, e também como poções de amor que muitos jovens procuravam.

## CONCLUSÃO

Com o auxílio de alguns autores compreendemos que existe uma distinção entre feiticeira e bruxa, onde ao contrário da bruxa a feiticeira trabalha sozinha, sendo ela por muitos séculos o médico do povo, pois detinha um conhecimento sobre algumas ervas medicinais da época, século XV. Desta forma com a ajuda do Manual Inquisitorial, *Malleus Malleficarum*, compreendemos o pensamento da época, assim como o contexto histórico

em que o Manual se encontrava, envolto de um poder muito forte do Estado e da Igreja, situado em um período em que a Igreja Católica estava perdendo as suas forças, criando assim um Manual que auxiliava os Inquisidores da época, assim como também, a população que tinha acesso ao *Malleus*. Difundindo então na Europa, a caça a supostas bruxas, sendo muitas dessas identificadas como mulheres, mesmo o Manual discorrendo sobre homens e mulheres, o mesmo da ênfase para as mulheres, sendo esse um período, em que as mulheres não se encontravam em uma posição muito alta, em comparação aos homens. No Manual, a bruxaria é vista como prática a ser combatida com vigor pela Igreja e a pontada como a causa maior de muitos dos males que se abatiam sobre as comunidades Cristãs, voltadas acerca dos perigos que as mesmas podiam ocasionar. A Inquisição adentra dessa forma, para, “auxiliar” a população, e eliminar esse grupo indesejável para a época. Compreendemos então, que o Manual estava inserido em uma época, onde a ideia de pecado estava no auge, principalmente para a Igreja, e Inquisidores, detendo um certo poder, por tanto, a difusão do *Malleus*, se deu pela época em que ele se encontrava, século XV, XVI e XVII.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KRAMER, Heinrich e SPRENGER, James. **O Martelo das feitiçeras: malleus maleficarum**/tradução de Paulo Froés- 22ª ed. Rosa dos Tempos, RJ, 2011.

RUSSEL, Jeffrey B. **História da Bruxaria**/ Jeffrey B. Russel & Brooks Alexander; tradução Álvaro Cabral, William Lagos. São Paulo: Aleph, 2008.

STRAUSS, Claude Lévi. **Antropologia Estrutural**/ Tradução Chain Samuel Katz e Eginardo Pires. Tempo Brasileiro LTDA. RJ. 1967. (cap. Magia e Religião).

BAIGENT, Michael; LEIGH, Richard. **A Inquisição**, tradução: Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

GREER, Michael John. Dicionário Enciclopédico: do pensamento Esotérico Ocidental/ Marcelo Borges. Ed. São Paulo: Pensamento, 2012.

GINZBURG, Carlo. **A História Noturna**, tradução Nilson Moulin Louzada - São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

MANDROU, Robert. **Magistrados e Feitiçeiros na França do Século XVII**, tradução: Nicolau Sevcenko e J. Guinsburg, 1979.

MACEDO, José Rivair. **A Mulher na Idade Média**, revista e ampliada. São Paulo, 2002.

MICHELET, Jules. **A Feitiçeira**, tradução: Ana Moura- São Paulo: Aquariana, 2003.

PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres**, tradução: Angela M. S. Corrêa, São Paulo, 2007.

RUSSEL, B. Jeffrey; ALEXANDER, Brooks. **História da Bruxaria**, tradução: Álvaro Cabral; William Lagos. São Paulo: Aleph, 2008.